

FORMAS URBANAS E MORFOLOGIA DAS CIDADES MÉDIAS. UM ESTUDO DO ESPAÇO INTRAURBANO DE POÇOS DE CALDAS, MINAS GERAIS, BRASIL

EDUARDO DE ARAUJO DA SILVA

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente¹
eduardosilva.geografia@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é contribuir com os estudos de formas urbanas – morfologia urbana – tendo como base autores da Geografia. Para tanto, são trazidas duas partes de resultados. A primeira parte dos resultados apresenta como forma e morfologia (urbanas) são concebidas na perspectiva da Geografia Urbana. Além disso, são apresentadas duas propostas metodológicas de análise das formas intraurbanas: o “zoneamento morfológico-funcional” de Amorim Filho (2005) e os “procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas” de Whitacker e Miyazaki (2012). A segunda parte dos resultados refere-se ao estudo do espaço intraurbano de Poços de Caldas, cidade média localizada no sul do estado de Minas Gerais. Por meio do estudo de Poços de Caldas, apreendeu-se a justaposição de diferentes formas urbanas, que se expressa na heterogeneidade das áreas ocupadas. Há uma multiplicidade de paisagens urbanas na estrutura espacial local, cada qual apresentando suas funções, seus conteúdos e processos sócio-espaciais.

Palavras-chave: Forma Urbana; Estrutura Urbana; Plano Urbano; Zoneamento Morfológico-funcional; Procedimentos e Elementos da Investigação das Formas Urbanas.

URBAN FORMS AND MORPHOLOGY OF MEDIUM-SIZED CITIES. A STUDY OF THE INTRA-URBAN SPACE OF POÇOS DE CALDAS, MINAS GERAIS, BRAZIL

ABSTRACT: The aim of this paper is to contribute to the studies of urban forms – urban morphology – based on authors in Geography. To do so, two parts of results are presented. The first part of the results presents how (urban) form and morphology are conceived from the perspective of Urban Geography. Furthermore, two methodological proposals for the analysis of intra-urban forms are presented: the “morphological-functional zoning” by Amorim Filho (2005) and the “procedures and elements of the investigation of urban forms” by Whitacker and Miyazaki (2012). The second part of the results refers to the study of the intra-urban space of Poços de Caldas, a medium-sized city located in the south of the State of Minas Gerais. Through the study of Poços de Caldas, the juxtaposition of different urban forms was apprehended, which is expressed in the heterogeneity of the occupied areas. There is a multiplicity of urban landscapes in the local spatial structure, each one presenting its functions, contents and socio-spatial processes.

Keywords: Urban Form; Urban Structure; Urban Plan; Morphological-functional Zoning; Procedures and Elements of the Research of Urban Forms.

FORMAS URBANAS Y MORFOLOGÍA DE LAS CIUDADES INTERMEDIAS. UN ESTUDIO DEL ESPACIO INTRAURBANO DE POÇOS DE CALDAS, MINAS GERAIS, BRASIL

RESUMEN: El objetivo de este artículo es contribuir a los estudios de las formas urbanas – morfología urbana – a partir de autores en Geografía. Para ello, se presentan dos partes de resultados. La primera parte de los resultados presenta cómo se conciben la forma y la morfología (urbanas) desde la perspectiva de la Geografía Urbana. Además, se presentan dos propuestas metodológicas para el análisis de las formas intraurbanas: la “zonificación morfológico-funcional” de Amorim Filho (2005) y los “procedimientos y elementos de investigación de las formas urbanas” de Whitacker y Miyazaki (2012). La segunda parte de los resultados se refiere al estudio del espacio intraurbano de Poços de Caldas, una ciudad intermedia ubicada en el sur del Estado de Minas Gerais. A través del estudio de Poços de Caldas, se apprehendió la yuxtaposición de diferentes formas urbanas, lo que se expresa en la heterogeneidad de las áreas ocupadas. Hay una multiplicidad de paisajes urbanos en la estructura espacial local, cada uno presentando sus funciones, contenidos y procesos socioespaciales.

Palabras-clave: Forma Urbana; Estructura Urbana; Plan Urbano; Zonificación Morfológico-funcional; Procedimientos y Elementos de la Investigación de las Formas Urbanas.

¹ Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Rua Roberto Simonsen, 305, CEP: 19060-900, Presidente Prudente-SP, Brasil.

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos urbanos, as cidades médias brasileiras apresentam longo histórico de pesquisas, com início datado nos últimos anos da década de 1960, tendo uma crescente multiplicação de estudos sobre o tema desde os anos 1990, sobretudo, no início do século XXI. No que se refere aos primeiros trabalhos publicados acerca das cidades médias do Brasil, há a tese de doutorado do geógrafo francês Yves Leloup, intitulada *Les Villes du Minas Gerais*, de 1970. O referido autor apresenta em sua tese as características regionais e os atributos de diversas cidades do estado de Minas Gerais (LELOUP, 1970; AMORIM FILHO, 2005).

Logo no início da década de 70 do século XX, o geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho (1973) evidenciou, em sua tese de doutorado, que os aspectos relacionados às funções de intermediação na rede urbana e a situação geográfica dos aglomerados urbanos são tão – ou até mais – importantes quanto o porte demográfico para a caracterização das ditas “cidades médias” (AMORIM FILHO, 2005).

Sposito (2017), geógrafa que dedicou décadas de estudos no tema, aponta para a mesma direção quando faz a pertinente distinção entre cidade de porte médio e cidade média. Segundo a autora, o conceito de cidade de porte médio pode ser atribuído a uma dada cidade que tem porte demográfico médio, isto é, o único critério é a quantidade de habitantes. Ademais, ressalta não haver um parâmetro *a priori*, já que o tamanho demográfico “médio” varia de região para região, de país para país, até varia ao considerar o contexto histórico em que analisa uma dada cidade.

Já o conceito de cidade média só é adequado para as cidades de porte médio que exercem papéis intermediários e/ou regionais num conjunto da rede urbana (SPOSITO, 2017). Tal compreensão se assemelha ao conceito de “cidades intermediárias”, adotado por Milton Santos (1978) e por autores de língua espanhola (*ciudades intermedias*). Além do mais, Sposito (2017) supõe que devido às particularidades de regiões e redes urbanas rarefeitas com pouca densidade demográfica (como o caso da região Amazônica), cidades com menos de 50 mil habitantes podem desempenhar papéis de cidade média.

Tendo isso em vista, compreende-se a elevada importância dessas cidades no Brasil, desde os estudos geográficos pioneiros publicados na década de 1970 até os mais recentes, posto que elas desempenham papéis intermediários na rede urbana, participam ativamente da produção em espaços rurais, comandam a produção a nível regional e, via de regra, apresentam considerável diversidade de atividades econômicas em seus territórios urbanos (AMORIM FILHO, 2005; CORRÊA, 2007; SOARES, 2007; SPOSITO, 2017).

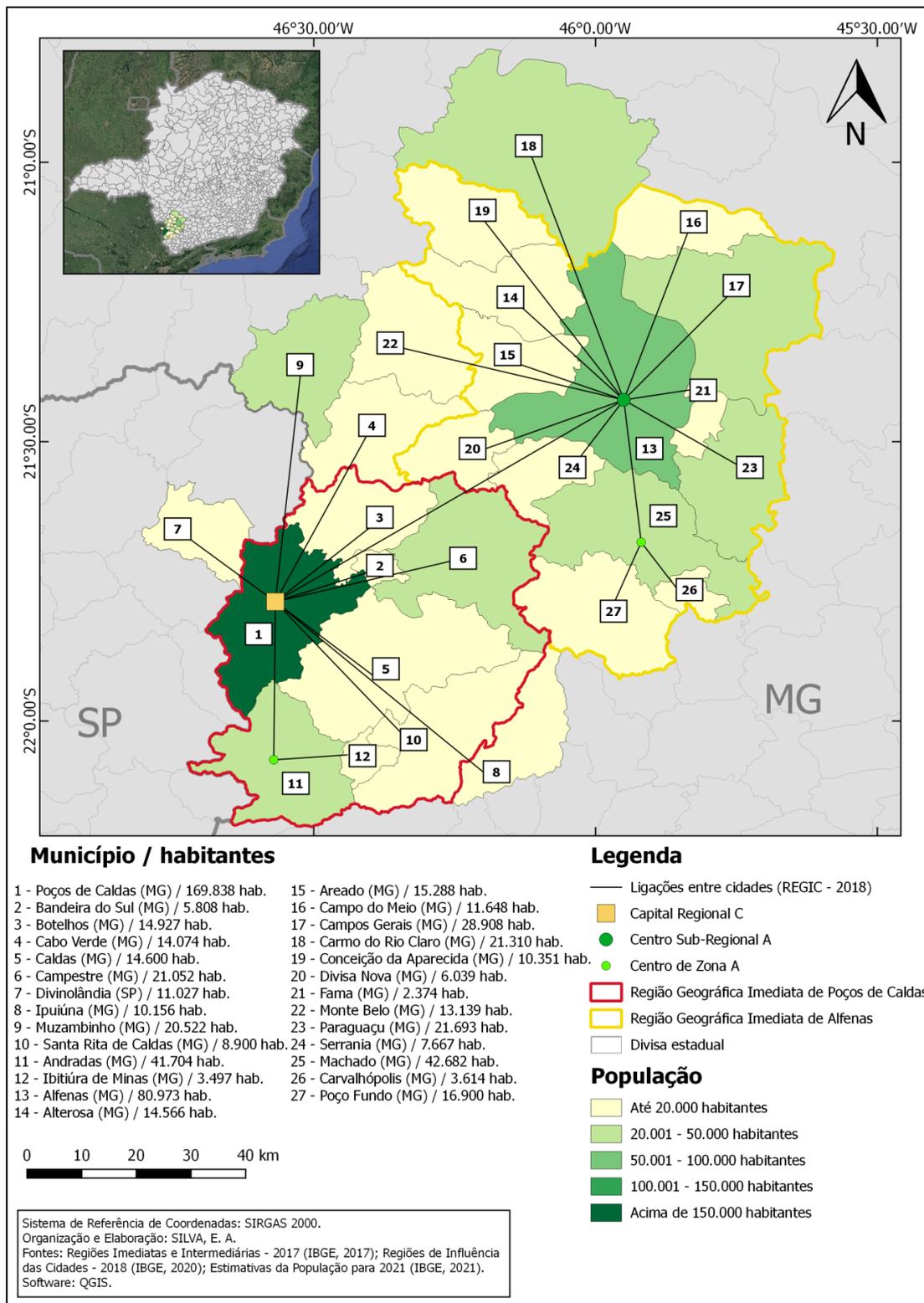
Reconhece-se tanto a importância das cidades médias quanto dos estudos acerca dessas cidades por meio de diferentes perspectivas e temas. Na ampla variedade de temas para investigação, a análise das formas urbanas - a morfologia urbana - apresenta-se como uma abordagem promissora. Posto isto, objetivando contribuir com os estudos de morfologia das cidades médias, este artigo, além de introdução e considerações finais, traz duas partes de resultados.

A primeira parte apresenta, de maneira breve, como forma e morfologia (urbanas) são concebidas na perspectiva da Geografia Urbana. Também apresenta duas propostas metodológicas de análise das formas intraurbanas: o “zoneamento morfológico-funcional” de Amorim Filho (2005) e os “procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas” de Whitacker e Miyazaki (2012). Já a segunda parte refere-se ao estudo do espaço intraurbano de Poços de Caldas, cidade localizada no sul do estado de Minas Gerais.

O município de Poços de Caldas apresenta uma população estimada de 169,8 mil habitantes em 2021 (IBGE, 2021). Sua cidade concentra elevada oferta de bens e serviços, desse modo, exerce influência numa quantidade considerável de cidades de pequenos e médios portes na região do Sul de Minas e em algumas do interior do estado de São Paulo. Conforme divulgado no último estudo *Regiões de Influência das Cidades – REGIC* (IBGE, 2020), Poços de Caldas é classificada como uma capital regional C, estando hierarquicamente

superior a 26 municípios na rede urbana. De acordo com o estudo *Divisões Regionais do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias* (IBGE, 2017), a cidade é polo imediato para oito municípios (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de Poços de Caldas: região geográfica imediata (2017) e região de influência (2018).



Fonte: IBGE, 2017; 2020; 2021. Elaboração e organização: autor.

Além da oferta de serviços básicos que atendem as necessidades da população do município e da região imediata, encontram-se diversos serviços especializados na cidade – com destaque para as atividades de mineração, transformação de minérios e serviços médicos de média/alta complexidade – que garantem variados tipos de interações espaciais. Somadas tais características (papel intermediário na rede urbana, função de centralidade urbano-regional e múltiplas interações espaciais) com o porte demográfico médio, entende-se que Poços de Caldas é uma cidade média.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do presente trabalho, houve a revisão bibliográfica em livros, artigos, dissertações e teses com os temas “cidades médias” e “morfologia urbana” no âmbito da Geografia Urbana.

Houve o levantamento bibliográfico de trabalhos que aplicaram as proposições metodológicas de Amorim Filho (2005) ou de Whitacker e Miyazaki (2012). O levantamento foi realizado em duas plataformas: *Google Scholar* e *ResearchGate*, até o ano de 2021. Para tanto, o primeiro passo dessa atividade foi coletar os trabalhos acadêmicos que citam o livro *A morfologia das cidades médias* (AMORIM FILHO, 2005) e/ou o artigo *O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos*. (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012).

O segundo passo foi analisar os procedimentos metodológicos dos trabalhos coletados, para identificar quais deles aplicaram as proposições do “zoneamento morfológico-funcional” (AMORIM FILHO, 2005) e/ou dos “procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas” (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012). Os resultados desse levantamento se encontram nos Quadro 2 e Quadro 3 do presente artigo. Cabe salientar que estão nos quadros somente os trabalhos que deixaram explícitos em suas metodologias a aplicação dessas propostas metodológicas.

Para compreender a morfologia da cidade de Poços de Caldas, houve o levantamento histórico-geográfico do espaço urbano em livros, jornais, fotos históricas, documentos elaborados pelo Estado e trabalhos acadêmicos que tiveram como recorte espacial Poços de Caldas. Além disso, foram realizadas atividades *in loco*. Houve trabalhos de campo com registro de fotografias e descrições da paisagem urbana local. Após a coleta dos dados e informações, houve a análise dos materiais coletados.

RESULTADOS

FORMA URBANA, MORFOLOGIA E PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Forma e morfologia urbanas são, sem dúvidas, objetos de estudo que interessam diversas áreas do conhecimento. Geógrafos, arquitetos, urbanistas, cartógrafos, planejadores, sociólogos, historiadores, economistas e engenheiros (para citar alguns profissionais) se debruçaram ao longo de décadas nos estudos das formas das cidades, buscando entender a fisionomia urbana; padrões espaciais; funções e/ou processos imbricados às formas; o condicionamento que as formas urbanas geram nos sujeitos sociais; a produção das paisagens urbanas pelos agentes sociais, políticos e econômicos; dentre muitos outros aspectos do ambiente construído. Capel (2002) destacou a importância dessa abordagem interdisciplinar no estudo da morfologia urbana, já que ela possibilita a apreensão dos diferentes elementos e processos que ocorrem no âmbito do espaço urbano, a partir de diversos enfoques.

Levando em consideração a amplitude de abordagens acerca da morfologia e formas urbanas, faz-se necessário enunciar que grande parte dos autores, aqui citados, são geógrafas e geógrafos. Contudo, suas contribuições têm caráter interdisciplinar, já que os mesmos se apoiam em teorias e métodos elaborados em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Para dar início à discussão pretendida, são trazidas as contribuições de Milton Santos (1977). O referido autor revela que, por muito tempo, a sociedade e suas ações foram minimizadas na Geografia, pois, de modo geral, a disciplina considerava em demasia o espaço construído, este último sendo considerado como o “teatro” das ações da humanidade.

Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela *forma* das coisas do que pela *formação*. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social (SANTOS, 1977, p. 81, grifo do autor).

Baseando-se neste fundamento, da relação indissociável e dialética entre espaço e sociedade, entende-se que “forma espacial” (produzida pelo trabalho humano) não se limita apenas à materialidade dos objetos e coisas, visto que a própria sociedade é conteúdo do espaço, ela também apresenta suas dimensões e configurações, seu aspecto prático-sensível.

Outra contribuição do geógrafo para o entendimento das formas é a relação inerente entre estrutura, processo, forma e função (SANTOS, 1988). Santos (1988) propôs esses quatro elementos como categorias do método geográfico. Conforme o autor, “forma” refere-se ao aspecto visível de algo ou alguma coisa. Refere-se também ao arranjo ordenado de objetos e ao padrão desses. “Função” refere-se à tarefa ou atividade esperada da forma, pessoas, instituições ou coisas. A “estrutura”, “[...] implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção” (SANTOS, 1988, p. 37). E “processo” pode ser entendido como “[...] uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança” (SANTOS, 1988, p. 37).

Forma e função estão dialeticamente imbricadas. Isto é, a forma é dotada de finalidade(s) e função(ões), ademais, uma única forma pode ter mais de uma finalidade/função. Por sua vez, a função é a atividade que a forma se reveste. Ressalta-se que a análise da forma isolada – ignorando a função e a estrutura – ou, do mesmo modo, a análise somente da função ou da estrutura, pode conduzir a conclusões parciais e/ou limitadas (SANTOS, 1988).

Forma, função e estrutura são categorias que permitem a análise da organização espacial. Todavia, conforme Santos (1988), não se deve perder de vista o desenvolvimento/transformação do espaço no tempo histórico, por isso a importância de se analisar os processos. Assim, “[...] forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo” (SANTOS, 1988, p. 39), de modo a atingir a compreensão da totalidade espacial em movimento.

No tocante ao conceito de morfologia, Whitacker e Miyazaki (2012) destacam sua polissemia (isto é, embora se refira ao estudo das formas, o mesmo pode apresentar mais de um sentido) e interdisciplinaridade (ou seja, o conceito é utilizado em diversas áreas do conhecimento como na Linguística, nas Ciências Biológicas, nas Ciências Humanas e Sociais, nas Ciências Exatas e da Terra, dentre outras). Segundo os autores, evidentemente há relação direta entre os conceitos de “forma” e “morfologia”, todavia, os mesmos não devem ser vistos como sinônimos. Como mencionado, forma se refere aos padrões e dimensões, ao aspecto

visível das coisas. Por outro lado, morfologia é o estudo das formas e, via de regra, dos conteúdos e processos imbricados às formas.

Capel (2002) destaca a importância da morfologia urbana, esta que não está restrita à descrição das formas espaciais ou do tecido urbano, embora às contemple. Para este autor, o espaço construído pode revelar as estruturas e organizações sociais, econômicas e políticas, assim como os fatores relacionados à sua formação. Nas suas palavras:

A morfologia urbana, o espaço construído, reflete a organização econômica, a organização social, as estruturas políticas, os objetivos dos grupos sociais dominantes [...] O estudo da morfologia urbana supõe sempre atenção aos elementos básicos que compõem o tecido urbano e os mecanismos de transformação das estruturas. Requer tanto uma abordagem estrutural, ou seja, que leve em conta os diversos elementos componentes e suas inter-relações, quanto uma diacrônica, ou seja, histórica, que dê conta das transformações. Essa dimensão é tão importante que alguns preferem falar de morfogênese para designar esse campo de estudo. Um campo que supõe, por um lado, conhecer a configuração física do espaço, com suas construções e vazios, com suas infraestruturas e usos do solo, com seus elementos identificadores e sua carga simbólica. São elementos profundamente entrelaçados e inter-relacionados, embora com diferentes graus de estabilidade. E leva a uma reflexão sobre as forças sociais, econômicas, culturais e políticas que influenciam sua configuração e transformação.² (CAPEL, 2002, p. 20, tradução nossa).

Por sua vez, Sposito (2004, p. 65) expõe que “o termo morfologia é designativo daquilo que se refere à forma, mas o conceito de morfologia urbana vai muito além da análise das formas urbanas em si, embora as contenha”. Segundo a autora,

[...] o conceito de morfologia urbana não se referiria a uma dada forma urbana (extensão e volume), tal como ela se apresenta configurada espacialmente, mas ao processo de sua gênese e desenvolvimento, segundo os quais podemos explicar essa morfologia e não apenas descrevê-la ou representá-la gráfica ou cartograficamente. Aceitando-se essa perspectiva, a morfologia urbana refere-se não apenas à forma, mas também aos conteúdos que orientam essa forma e são por ela redefinidos continuamente (SPOSITO, 2004, p.66).

Portanto, entende-se que para o estudo de morfologia urbana é necessário apreender as formas, funções, estrutura(s), conteúdos e processos sócio-espaciais, considerando suas transformações a partir do tempo histórico, isso é, analisando-se o desenvolvimento das formas urbanas no contexto das mudanças econômicas, políticas e sociais. “É, assim, necessário considerar as formas a partir de seus conteúdos, enquanto materialização do processo de urbanização” (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012, p. 313).

² No original: “*La morfología urbana, el espacio construido, refleja la organización económica, la organización social, las estructuras políticas, los objetivos de los grupos sociales dominantes [...]. El estudio de la morfología urbana supone siempre una atención a los elementos básicos que configuran el tejido urbano y a los mecanismos de transformación de las estructuras. Exige a la vez una aproximación estructural, es decir, que tenga en cuenta los diversos elementos componentes y sus interrelaciones, y diacrónica, es decir histórica, que dé cuenta de las transformaciones. Esta dimensión es tan importante que algunos prefieren hablar de morfogénesis para designar a este campo de estudio. Un campo que supone, por un lado conocer la configuración física del espacio, con sus construcciones y vacíos, con sus infraestructuras y usos del suelo, con sus elementos identificadores y su carga simbólica. Se trata de elementos que están profundamente imbricados e interrelacionados, aunque con diferentes grados de estabilidad. Y conduce a una reflexión sobre las fuerzas sociales económicas, culturales y políticas que influyen en su configuración y transformación.* (CAPEL, 2002, p. 20)

No tocante aos estudos geográficos de morfologia urbana, Amorim Filho (2005) propôs um modelo analítico-metodológico, o zoneamento morfológico-funcional, que busca analisar a morfologia de cidades de diferentes níveis de hierarquia e portes (cidade pequena, cidade média, grande cidade, região metropolitana e megalópole) por meio de uma tipologia de áreas do espaço intraurbano. Tal modelo foi publicado na obra *A Morfologia das Cidades Médias* (AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2005).

Para propor o zoneamento morfológico-funcional, Amorim Filho (2005) fundamentou-se em um amplo referencial bibliográfico acerca dos estudos de estrutura espacial urbana, tais como: os estudos da Sociologia Urbana da Escola de Chicago, sendo o modelo das zonas concêntricas de Ernest W. Burgess (1925) e o modelo setorial do economista Homer Hoyt (1939), e o modelo de múltiplos núcleos proposto pelos geógrafos Chauncy D. Harris e Edward L. Ullman (1945).

O Quadro 1 mostra a tipologia das áreas intraurbanas do zoneamento morfológico-funcional, no nível hierárquico da cidade média:

Quadro 1 - Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias. Características das áreas intraurbanas.

Zona Central	Zona pericentral	Zona periférica	Zona periurbana
Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura; maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.	Extensa espacialmente; função residencial predominante; presença de subcentros especializados ou polifuncionais, ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos; diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças sócio-econômicas; presença de equipamentos especiais como hospitais, universidades, casernas, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.	De dois tipos: contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua, ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.	Presença de uma zona de transição urbano rural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis-fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para a cidade média.

Fonte: Amorim Filho (2005, p. 72). Adaptado.

Desde a publicação do zoneamento morfológico-funcional, este foi crescentemente utilizado para analisar diversas cidades, o que atestou a eficácia do modelo (Quadro 2). Isto é explicado, pois, o modelo permite a identificação, classificação, organização e inter-relação dos elementos intraurbanos das cidades.

O quadro 2 expõe pesquisas que aplicaram o zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2005). Observa-se que, embora o modelo não tenha sido proposto

estritamente para cidades de Minas Gerais, o mesmo foi amplamente utilizado em estudos urbanos de cidades do referido estado³.

Quadro 2 - Pesquisas que aplicaram as proposições do zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2005).

Autores	Ano	Cidade(s) pesquisada(s)
SENA FILHO, N.	2005	Caratinga (MG), Manhuaçu (MG) e Viçosa (MG)
ALVES, M. A. S.; DINIZ, A. M. A.	2008	Barão dos Cocais (MG)
SOARES, T. L. et al.	2011	Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG)
CORTEZZI, F. M.; AMORIM FILHO, O. B.	2012	Oliveira (MG)
CARVALHO, C. O.	2015	Teófilo Otoni (MG)
VARAJÃO, G. F. D. C. et al.	2015	Diamantina (MG)
ARAÚJO, A. N.; MESQUITA, P. I. S.; MORAIS, E. G.	2015	Altamira (PA)
ANDRADE, Í. L.	2015	Viçosa (MG)
CANETTIERI, T. et al.	2016	Pará de Minas (MG)
HERMANO, V. M.	2017	Janaúba (MG)
DOURADO, L. F. N.; FRANÇA, I. S.	2020	Januária (MG)
BRANQUINHO, E. S.; SILVA, E. A.	2021	Alfenas (MG) e Poços de Caldas (MG)

Org.: autor.

Outra contribuição da Geografia Urbana brasileira para o estudo das formas urbanas é a proposta metodológica de Whitacker e Miyazaki (2012). Tendo como base uma ampla literatura interdisciplinar acerca do conceito de morfologia urbana⁴, os autores sistematizaram seis pontos acerca dos procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas:

I) “o plano urbano e a evolução do plano”: neste ponto, os autores ressaltam a importância da compreensão da sobreposição de planos urbanos numa dada cidade, e que cada plano é realizado num período histórico específico, para determinadas necessidades. Segundo eles, o plano urbano permite ao pesquisador compreender “[...] as diferentes etapas do crescimento da cidade, englobando sua contraditória e desigual produção, superando-se a descrição dos tipos de plano” (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012, p. 318);

II) “as relações do plano com o sítio urbano”: neste ponto, faz-se necessário considerar a relação entre o(s) plano(s) e o sítio urbano, este último que é o quadro topográfico (base física superficial) onde está assentada a cidade. Segundo os autores, os aspectos físicos e naturais possuem certo grau de influência na ocupação e na expansão da cidade;

III) “a fisionomia urbana”: os autores relacionam este elemento com o conceito de paisagem na Geografia, que, na análise morfológica, é a dimensão imediata empírica do pesquisador com a forma urbana. A fisionomia urbana “seria um primeiro momento de apreensão da forma da cidade como um todo, ou fruto de primeiro contato empírico com a

³ Pode-se inferir que isso ocorreu por causa de alguns fatores, os quais se destacam dois: primeiro que Oswaldo Bueno Amorim Filho considerou seu amplo conhecimento sobre as cidades de Minas Gerais para criar o modelo, a partir de suas pesquisas que foram sendo realizadas desde os anos finais da década de 1960. Outro ponto a ser ressaltado é que o mesmo foi professor no Instituto de Geociências da UFMG e no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas, Brasil. Observa-se que seus orientandos e alunos (assim como outros professores/pesquisadores do estado de Minas Gerais) buscaram aplicar suas teorias e metodologias em recortes espaciais do estado mineiro.

⁴ Alguns autores que Whitacker e Miyazaki (2012) se basearam: Michael P. Cozen; Rémy Allain; Anne V. Moudon; Henri Lefebvre, Jacqueline Beaujeu-Garnier; Horacio Capel; Milton Santos; Joan Vilagrassa; J. W. R Whitehand; José Manuel R. G. Lamas; Marcel Roncayolo; dentre outros.

cidade, quando o que se mostra preponderante compareceria nessa fisionomia” (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012, p. 318);

IV) “a relação entre o que é edificado e o que não é edificado”: neste ponto, é necessário analisar as relações entre o que está edificado e o que não está, no espaço urbano (por exemplo, a relação entre os prédios e as áreas públicas). Assim, é possível identificar os vazios urbanos e observar as disposições e dimensões das áreas públicas numa determinada região da cidade;

V) “a densidade da ocupação” e VI) “a identificação das áreas morfologicamente homogêneas e a heterogeneidade”: nesses últimos pontos, os autores afirmam a necessidade da análise relacional. Por exemplo, relações entre: áreas mais densas e as menos densas; a cidade (como um todo) e as frações da cidade (loteamentos e/ou bairros); um conjunto de bairros da cidade (área ou zona) e o restante do contexto urbano; áreas de ocupação mais antigas e áreas de ocupação mais recentes; as áreas ocupadas pelos segmentos sociais de menor poder aquisitivo e as áreas ocupadas pelos segmentos sociais de maior poder aquisitivo etc.

O quadro 3 mostra as pesquisas que aplicaram os procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas. Também é observado uma variedade nos recortes empíricos, onde uma das pesquisas é de uma cidade paulista de porte pequeno, Álvares Machado, que tem população estimada de 25 mil habitantes, e duas cidades amazônicas, Parintins e Uruará, a primeira de porte médio e a última com porte pequeno, 116,4 mil e 16 mil habitantes respectivamente.

Quadro 3 - Pesquisas que aplicaram as proposições dos procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas de Whitacker e Miyazaki (2012).

Autores	Ano	Cidade(s) pesquisada(s)
TROMBETA, L. R.; SOARES, F. B.	2015	Álvares Machado (SP)
BARTOLI, E.; MARQUES, R. O.	2019	Parintins (AM)
MARQUES, R. O.; SERRÃO, A. M.; BARTOLI, E.	2021	Uruará (AM)

Org.: autor.

Evidencia-se que tanto o zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2005) quanto os procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas de Whitacker e Miyazaki (2012) são propostas metodológicas que dialogam com as categorias do método geográfico de Santos (1988): estrutura, processo, forma e função. Isto, pois, ambas as propostas permitem a investigação minuciosa da morfologia urbana pelas formas, relacionando-as diretamente às funções e estrutura urbana, aos conteúdos e processos.

Contudo, cabe ressaltar a diferença de perspectiva das propostas: o zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2005), embora não perca de vista o tempo pretérito, foca a análise nas formas, funções, processos e estrutura(s) do/no tempo presente, portanto, a organização do espaço é a perspectiva que orienta a pesquisa morfológico-funcional.

Já a proposta de Whitacker e Miyazaki (2012) busca apreender a forma urbana por meio da perspectiva da produção do espaço, uma vez que seus procedimentos lançam luz às relações entre tempo e espaço, considerando os processos e conteúdos imbricados às formas urbanas. Essas relações entre espaço e tempo, e entre processos e formas (compreendidos como formas-conteúdos) são reveladas na paisagem urbana no tempo presente.

Dando prosseguimento à segunda parte dos resultados, nela está exposto o estudo do espaço intraurbano de Poços de Caldas. Referente às bases metodológicas aplicadas, considerou-se os procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas de Whitacker e Miyazaki (2012). Para identificar e denominar as diferentes áreas intraurbanas, apoiou-se na tipologia do modelo de zoneamento morfológico-funcional do nível hierárquico

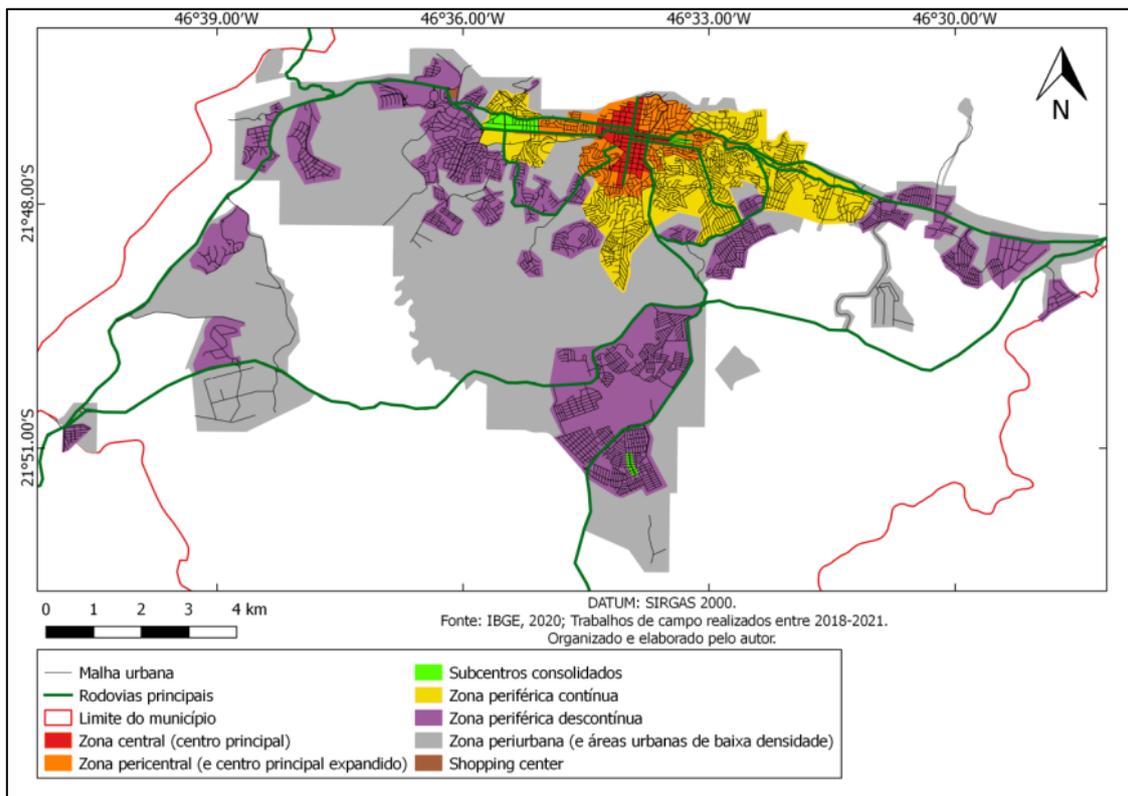
das cidades médias, proposto por Amorim Filho (2005). Para tanto, foi produzido o mapa de zoneamento morfológico-funcional de Poços de Caldas (Figura 2).

ESTUDO DO ESPAÇO INTRAURBANO DE POÇOS DE CALDAS

FISIONOMIA URBANA

Há uma multiplicidade de paisagens urbanas na estrutura espacial local, cada qual apresentando seus conteúdos, processos sócio-espaciais e funções.

Figura 2 - Zoneamento morfológico-funcional de Poços de Caldas



Fonte: IBGE (2020); trabalhos de campo. Elaboração e organização: autor.

A figura 2 mostra o zoneamento morfológico-funcional de Poços de Caldas. A zona central (AMORIM FILHO, 2005) é composta pelos eixos viários principais, pelas praças e parques, edifícios históricos e pontos turísticos, que formam uma unidade paisagística e funcional que influencia a grande parte da vida urbana local, e, decerto, de um considerável espaço regional. Nesse centro se encontram redes de comércio e serviços especializados, assim como boa parte das instituições públicas e privadas. Nele, a função residencial ainda permanece, principalmente a partir de condomínios verticais. Evidentemente, são as funções terciárias que predominam no centro principal. Em termos morfológicos, esta é a zona da cidade que apresenta a maior densidade de construções, assim como o maior número de construções em altura.

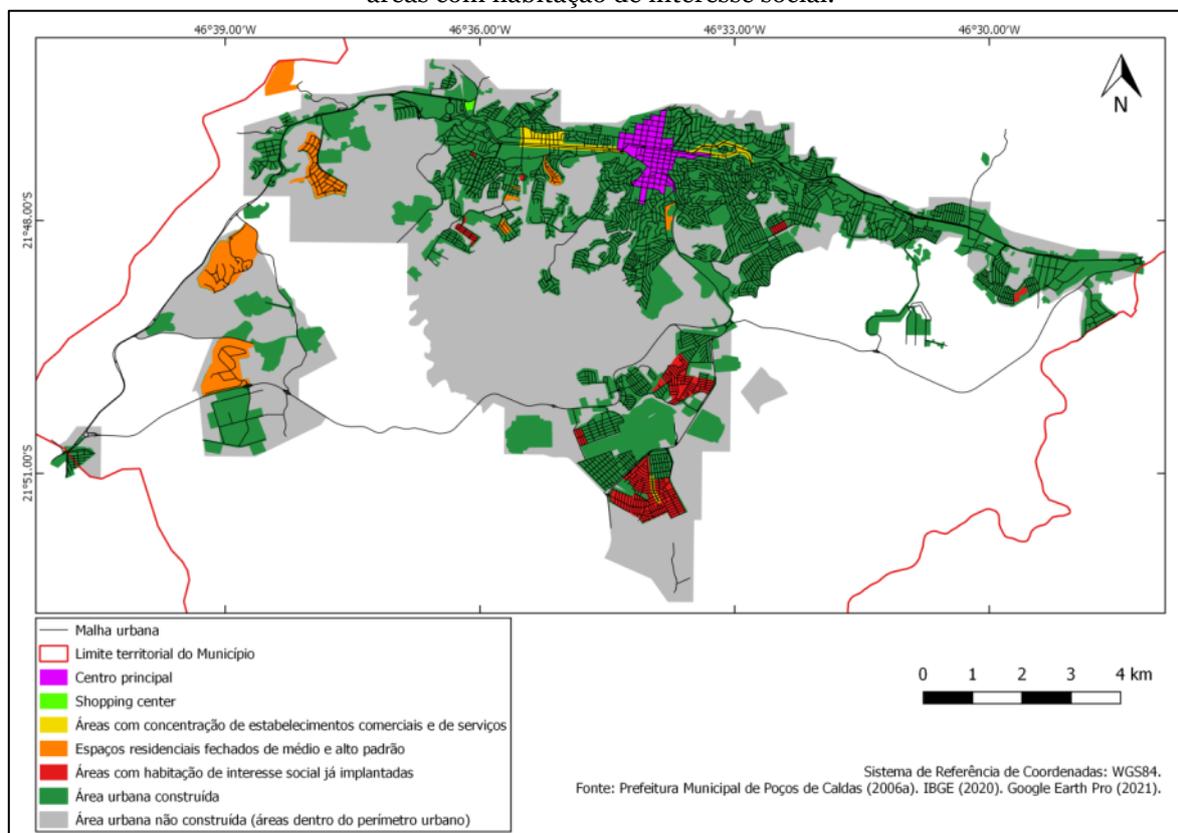
Entre os anos de 40 e 70 do século XX, surgiram loteamentos e bairros fora da zona central, em maiores quantidades na zona pericentral (AMORIM FILHO, 2005), esta última que foi constituída por bairros morfológicamente heterogêneos, compostos por conteúdos sociais de poderes aquisitivos variados. Formaram-se bairros periféricos do ponto de vista socioeconômico (Aparecida) e bairros das camadas sociais de altos poderes aquisitivos e *status* (Jardim dos Estados).

Os bairros da zona pericentral (AMORIM FILHO, 2005) ocupados pelos segmentos sociais de alto poder aquisitivo foram planejados, apresentam vias largas, arborização e calçadas padronizadas. No *Plano de Desenvolvimento Integrado* (POÇOS DE CALDAS, 1971) é relatado que, até nos anos finais de 1940, foram criados loteamentos com lotes grandes, para que nestes fossem construídas segundas residências para as classes altas provenientes de outras cidades, tendo em vista que até nesse período predominava o turismo de cura, dos jogos e dos lazeres em Poços de Caldas. Todavia, de início, esses loteamentos foram uma iniciativa frustrada dos promotores imobiliários, dado que a maioria desses terrenos ficou desocupada até o ano de 1970.

No que se refere às zonas periféricas (AMORIM FILHO, 2005) formadas entre os anos de 1940 e 1970, estas foram ocupadas predominantemente pelos segmentos sociais de menor poder aquisitivo. Durante o período, havia, decerto, menos processos especulativos nas periferias, estas sendo morfologicamente homogêneas compostas por vilas e bairros com lotes pequenos.

A partir da década de 70 do século XX, a produção do tecido urbano de Poços de Caldas deu-se de forma dispersa e fragmentada devido às implantações de programas de habitação de interesse social em áreas distantes e descontínuas sem ofertas de serviços para atender as populações, e pelas implantações de espaços residenciais fechados nas zonas periféricas (Figura 3). Desse modo, observa-se uma relativa multiplicação de áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços, acompanhando a segmentação dos mercados consumidores, de acordo com os diferentes padrões de consumo e mobilidade. Tal reestruturação da cidade, a partir de 1970, intensificou o processo de segregação socioespacial (SILVA, 2021).

Figura 3 - Mapa de Poços de Caldas: centro principal e outros centros, espaços residenciais fechados e áreas com habitação de interesse social.



Fonte: Poços de Caldas (2006); IBGE (2020); Google Earth Pro (2021). Elaboração e organização: autor.

No que diz respeito à zona periurbana (AMORIM FILHO, 2005) de Poços de Caldas, esta se estende por alguns quilômetros, sendo constituída por um anel de sítios, fazendas, motéis, hotéis, casas de campo e outros equipamentos terciários pontuais. Não é uma tarefa fácil diferenciar as áreas descontínuas (polinucleares) da zona periférica, das áreas de uso misto da zona periurbana.

Além disso, desde o início dos anos 2000, há formações de territórios urbanos descontínuos em meio à zona periurbana. Observa-se que foram instalados espaços residenciais fechados equipados com sistemas de vigilância particular. Tais empreendimentos são destinados, via de regra, aos segmentos sociais de médio e alto poder aquisitivo (SILVA, 2021).

AS RELAÇÕES ENTRE O PLANO E O SÍTIO URBANO

Poços de Caldas localiza-se no sul do estado de Minas Gerais. A extensão do município corresponde a 544,42 km², onde 85,51 km² correspondem à área urbana e 458,91 km² correspondem à área rural (POÇOS DE CALDAS, 2006).

Cerca de 330,39 km² da área total do município está dentro do Planalto de Poços de Caldas⁵, estrutura com aproximadamente 30 km de diâmetro e 800 km² de área (DNPM, 1977). Isto é, o Planalto também abrange parte dos municípios vizinhos. Toda a área intraurbana de Poços de Caldas situa-se dentro do Planalto (Figura 4).

Figura 4 - Planalto de Poços de Caldas. O traçado vermelho corresponde ao limite do município de Poços de Caldas.



Fonte: Google Earth Pro (2021). Adaptado pelo autor.

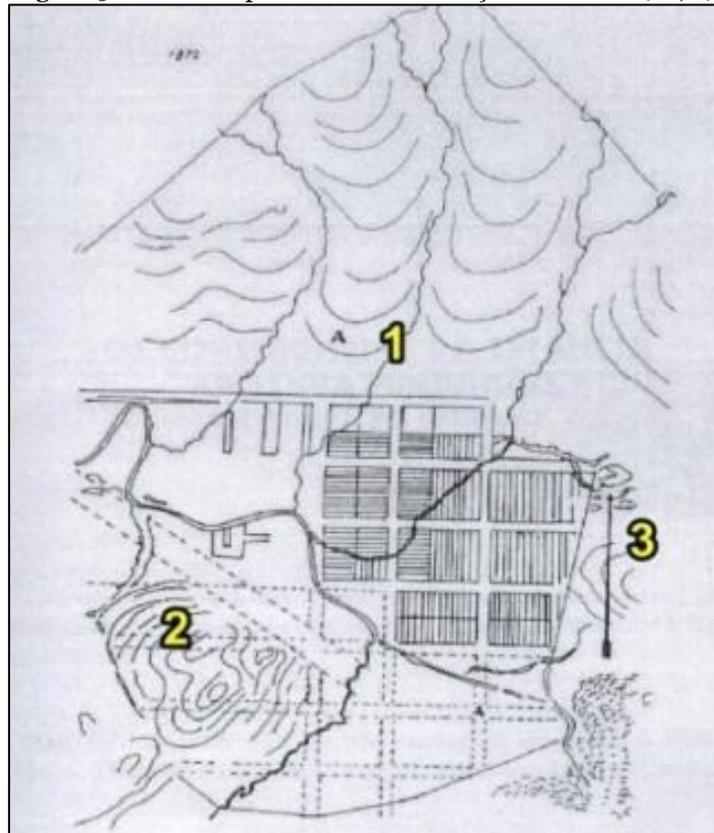
⁵ O Planalto de Poços de Caldas foi formado durante o Cretáceo Superior, a partir de uma volumosa massa de rochas alcalinas em estado pastoso que emergiu e rompeu a crosta terrestre (ELLERT, 1959). Por causa desse fenômeno geológico, a área se elevou e, atualmente, está em até 500 metros mais elevada do que as áreas circundantes. O município de Poços de Caldas tem altitude média de 1.300m, e seu relevo é montanhoso (DNPM, 1977).

O processo geológico que deu origem ao Planalto gerou também algumas características físicas particulares na localidade, como o aparecimento das águas termais sulfurosas a partir de corrente de gases de alta profundidade, e a exposição de rochas que, pela decomposição da natureza, tornaram-se jazidas de bauxita, argila aluminosa refratária e pedras potássicas. Na parte interna do Planalto, no fundo do vale, encontram-se as fontes das águas sulfurosas. Ressalta-se que a exploração dessas águas foi a primeira motivação para a criação do espaço urbano de Poços de Caldas.

O primeiro espaço urbano de Poços de Caldas foi planejado pelo Estado junto à classe dominante local. Conforme Marras (2004), funcionários do Estado, médicos renomados, famílias tradicionais locais e da região somaram esforços para a execução do plano de fundar uma vila urbana junto às águas termais que emergem na localidade. Este plano foi viabilizado com dinheiro público, já que esse grupo estava amparado no discurso positivista da ciência, situação que favoreceu suas práticas políticas e espaciais.

Desde a fundação, a produção do espaço urbano local tem como orientação algumas particularidades da forma do sítio urbano. Devido à intrusão alcalina (processo que deu origem ao Planalto de Poços de Caldas), ocorrida durante o Cretáceo Superior, o relevo da localidade é declivoso em determinadas áreas. A Figura 5 evidencia o primeiro plano urbano de Poços de Caldas, proposto em 1872. Em 1873, tal projeto foi executado por engenheiros de renome junto a indivíduos pertencentes à classe dominante local (MEGALE, 1990).

Figura 5 - Primeiro plano urbano de Poços de Caldas (1872).



Fonte: Ottoni (1960). Adaptado pelo autor.

Inicialmente, o quadro topográfico viabilizou o crescimento da cidade para certas direções. A ocupação urbana começou no fundo de vale e sobre algumas vertentes nas áreas mais baixas do planalto, e a expansão inicial do arranjo espacial ocorreu em áreas com as mesmas condições topográficas, em cotas altimétricas de 1.050 a 1.300 metros. Estão

enumeradas, na Figura 5, três barreiras físicas que influenciaram na expansão urbana inicial de Poços de Caldas, sendo elas: Serra de São Domingos (1); Complexo de Santa Cruz (2); Morro do Itororó (3)⁶ (SILVA, 2021).

Cabe destacar que, além da forma da cidade, a economia local se processou fortemente em torno dos recursos naturais dispostos localmente. Segundo Oliveira (2012), as características do quadro topográfico e os recursos naturais associados à formação do Planalto de Poços de Caldas são fatores relevantes para a história econômica e para a formação espacial da cidade.

O PLANO URBANO E A EVOLUÇÃO DO PLANO

Logo nos primeiros anos de fundação de Poços de Caldas, o espaço urbano obteve considerável desenvolvimento, ocasionado pelos crescimentos econômicos e da população local. Houve instalações de diversas infraestruturas urbanas: linha ferroviária, abertura de novas estradas e de largas avenidas, iluminação das vias públicas, calçamento das ruas centrais, arborização e paisagismo das áreas públicas.

Devido a tais intervenções, o espaço urbano local foi se estabelecendo como uma notável estância balneária logo nas primeiras décadas do século XX (MARRAS, 2004). As principais atividades econômicas do período estavam atreladas ao turismo de cura e lazeres de luxo, tendo em vista que foram produzidos espaços destinados ao uso das águas termais para tratamentos médicos e a instalação de variados cassinos para o lazer dos turistas, curistas e banhistas.

Esse primeiro período econômico e espacial é interrompido por dois fatores: em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra proíbe os jogos de azar no Brasil, acarretando no invariável fechamento dos cassinos da localidade. Após a Segunda Guerra Mundial, os tratamentos com águas sulfurosas e termais tornaram-se obsoletos, uma vez que houve melhorias técnicas nos tratamentos de saúde e no desenvolvimento de fármacos. Nesse contexto, houve o declínio das atividades econômicas principais da cidade.

No entanto, de acordo com Oliveira (2012), as atividades de mineração ganharam impulso logo na década de 1950, pois chegaram à localidade novas empresas de capital estrangeiro, dos setores de mineração e industrialização. A chegada de novas empresas elevou a influência de Poços de Caldas na região, tendo em vista que a cidade poderia se tornar um polo industrial. Diante disso, populações de outras cidades e dos espaços rurais afluíram para o espaço urbano de Poços de Caldas, que acarretou num crescimento populacional expressivo nas décadas seguintes⁷ (POÇOS DE CALDAS, 1971).

Depreende-se que, da fundação até os anos 50 do século XX, o espaço urbano local se expandiu consideravelmente, desse modo, Poços de Caldas elevou sua influência na região e na rede urbana sul-mineira, de tal modo que, logo nos estudos sobre aspectos das regiões urbanas do Brasil na década de 1950 (GEIGER; DAVIDOVICH, 1961), a cidade já se apresentou como o centro urbano de maior hierarquia no Sul de Minas, consolidando-se como uma cidade média.

⁶ 1- A Serra de São Domingos é um dos diques anelares mais altos formados no planalto, tendo 1.686 metros de altitude no seu ponto mais elevado. A serra, durante os séculos XVIII e XIX, foi objeto de disputas territoriais entre geralistas e paulistas. Em 1936, essa serra foi demarcada definitivamente como parte do território de Minas Gerais (IEPHA-MG, 2016). 2- O Complexo de Santa Cruz é, atualmente, um dos patrimônios tombados pelo município. Seu morro tem importância histórica para a localidade, já que fiéis subiam nele para pagar promessas. Na atualidade, essa prática não acontece, pois ocorreu uma considerável verticalização nas áreas do pé do morro. 3- O Morro do Itororó se apresentou como uma barreira física no espaço urbano durante as primeiras décadas da cidade. Durante as reformas urbanísticas ocorridas entre os anos 30 e 40 do século XX, as terras desse morro foram removidas e serviram para o aterramento dos parques e das áreas centrais, sendo totalmente aplainado posteriormente.

⁷ Em 1950, Poços de Caldas tinha população de 25.237 habitantes. Em 1970, 57.565 habitantes. Em 1991, 110.123 habitantes. Em 2010, 152.435 habitantes. Estima-se que, em 2021, Poços de Caldas atingiu o patamar de 169.838 habitantes (IBGE, 2015; 2021).

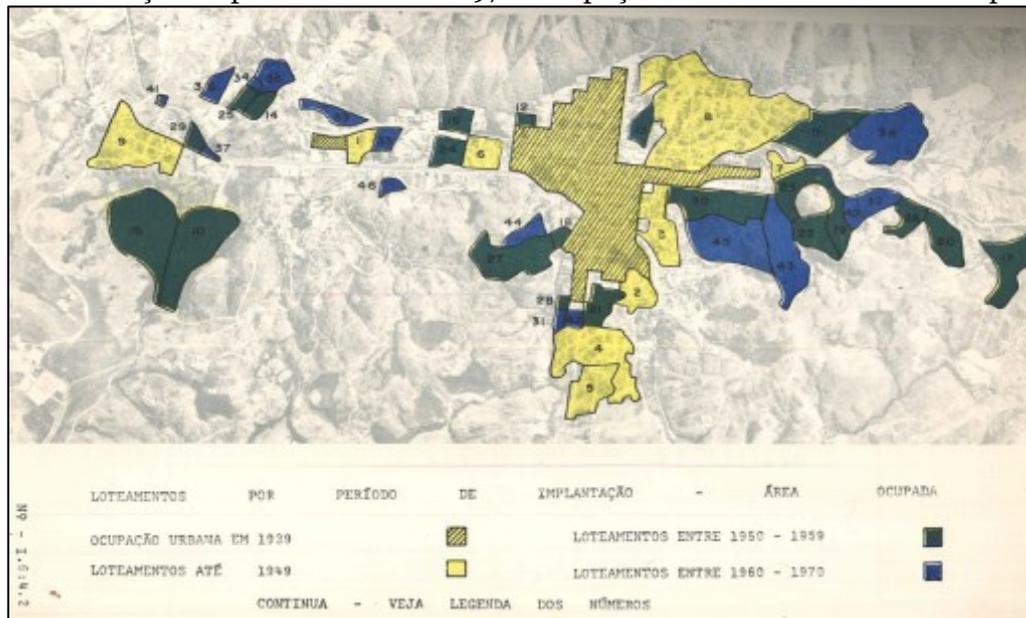
De acordo com Geiger e Davidovich (1961), nos anos 1950, Poços de Caldas estava inserida na região urbana de São Paulo (SP), estando classificada como centro de 1ª Categoria. Essa categoria era dada às cidades que possuíam de 10 a 30 mil habitantes, que estavam em entroncamentos ferroviários e/ou que possuíam algum desenvolvimento industrial. De fato, Poços de Caldas apresentava algumas atividades industriais (OLIVEIRA, 2012), além de ter em seu território uma linha férrea da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.

Economia e população cresceram rapidamente em poucas décadas, e o espaço intraurbano continuou a se expandir de modo contínuo, marcado predominantemente pela lógica centro-periférica. Observa-se que o crescimento populacional impulsionado pelas novas dinâmicas econômicas não acompanhou a disposição de infraestruturas previamente estabelecidas, fato este que acarretou na queda nas condições de saneamento local (SILVA, 2021).

Pretendendo ordenar o espaço urbano local, corrigir os problemas da malha viária e promover certo desenvolvimento social e econômico do município, o poder público municipal, junto a uma empresa privada, elaborou um plano de desenvolvimento urbano e econômico, na década de 1970. Em 1968, foi realizado um diagnóstico preliminar do *Plano de Desenvolvimento Integrado de Poços de Caldas – PDI* (POÇOS DE CALDAS, 1971). No referido diagnóstico foram levantados diversos dados e informações sobre o ambiente físico e social local. Dois anos após, foi lançado então o PDI.

Segundo Frayha (2010), o PDI apresentou forte viés tecnocrático, pois teve como pano de fundo as circunstâncias governamentais do momento, a ditadura militar e os atos institucionais do período. Conforme o autor, parte deste plano jamais saiu do papel, entretanto, a parte posta em prática teve sua importância no planejamento urbano nas décadas posteriores.

Figura 6 - Evolução do plano urbano até 1970: ocupação urbana e loteamentos implantados



Fonte: Poços de Caldas (1971).

O primeiro plano urbano (Figura 5) se expandiu sobre terrenos menos declivosos, e os atributos físicos continuaram a interferir na ocupação urbana até os anos finais da década de 1930. A Figura 6 revela este fato: observa-se que, até 1939, o espaço urbano cresceu continuamente em torno de um mesmo centro (local onde se encontra o traçado ortogonal das ruas, as áreas turísticas e as fontes hidrotermais). Todavia, formou-se uma periferia descontínua do território urbano inicial, o denominado Bairro Vila Cruz. Esse bairro, com o passar das décadas, constituiu-se como um subcentro polifuncional (AMORIM FILHO, 2005) do setor oeste da cidade.

A RELAÇÃO ENTRE O QUE É EDIFICADO E O QUE NÃO É EDIFICADO

O território urbano expandiu-se significativamente desde a década de 1970. De acordo com o diagnóstico do Plano Diretor de Poços de Caldas (POÇOS DE CALDAS, 2006), até a década de 1990, a expressiva descontinuidade entre áreas parceladas e a ampla quantidade de lotes vazios evidenciava a expansão do espaço urbano orientada pela especulação, isso levando em conta os elevados preços dos terrenos e a dinâmica do mercado imobiliário. Por causa dessa dinâmica especulativa, foram mantidos vazios urbanos entre áreas densamente ocupadas.

Embora boa parte desses vazios urbanos tenha sido ocupada nas últimas três décadas, ainda são encontrados terrenos vazios nos três eixos principais de expansão da cidade (oeste, leste e sul). Tendo em vista que esses terrenos localizam-se em áreas dotadas de infraestruturas e apresentam consideráveis fluxos de pessoas, seus preços no mercado imobiliário apresentam-se elevados.

Figura 7 - Vista parcial da zona periférica oeste.



Fonte: Volpi, R. (2008) (pelo Facebook). Arquivo pessoal do autor (2019).

A Figura 7 expõe o adensamento urbano da zona periférica oeste. A fotografia 1, registrada em 2008, evidencia lotes vazios rodeados por áreas densamente ocupadas por segmentos sociais de poderes aquisitivos variados. A fotografia 2, registrada em 2019, mostra que boa parte dos terrenos vazios foi ocupada por galpões e prédios residenciais, além disso, ilustra o crescimento vertical do setor.

A DENSIDADE DA OCUPAÇÃO E A IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS MORFOLOGICAMENTE HOMOGÊNEAS E A HETEROGENEIDADE

O quadro topográfico onde se assenta a zona periférica leste é predominantemente montanhoso. A expansão urbana para a direção leste procedeu-se sobre áreas de fundo de vale, nos eixos rodoviários, e nas áreas mais declivosas. O macrozoneamento urbano vigente (POÇOS DE CALDAS, 2006) classifica a porção sudeste do município como uma zona rural de proteção ambiental – ZRPA, dado que nela encontram-se os cursos d'água que deságuam na Represa Saturnino de Brito⁸. Isto é, tanto o sítio urbano quanto as condições hidrográficas locais expressam certo grau de influência na ocupação leste, limitando, de certo modo, a expansão urbana espraiada e a continuidade do tecido urbano no setor (SILVA, 2021). Devido a isso, a forma urbana da zona periférica leste é estreita e prolongada, se comparada às outras zonas periféricas do município (Figura 8).

⁸ A Represa Saturnino de Brito, construída nos anos 30 do século XX, apresenta elevada importância para todo o município, já que ela faz a regulação da vazão de cheias do Ribeirão (evitando inundações na zona central da cidade). Além disso, ela alimenta a estação de tratamento de água (ETA I) da cidade.

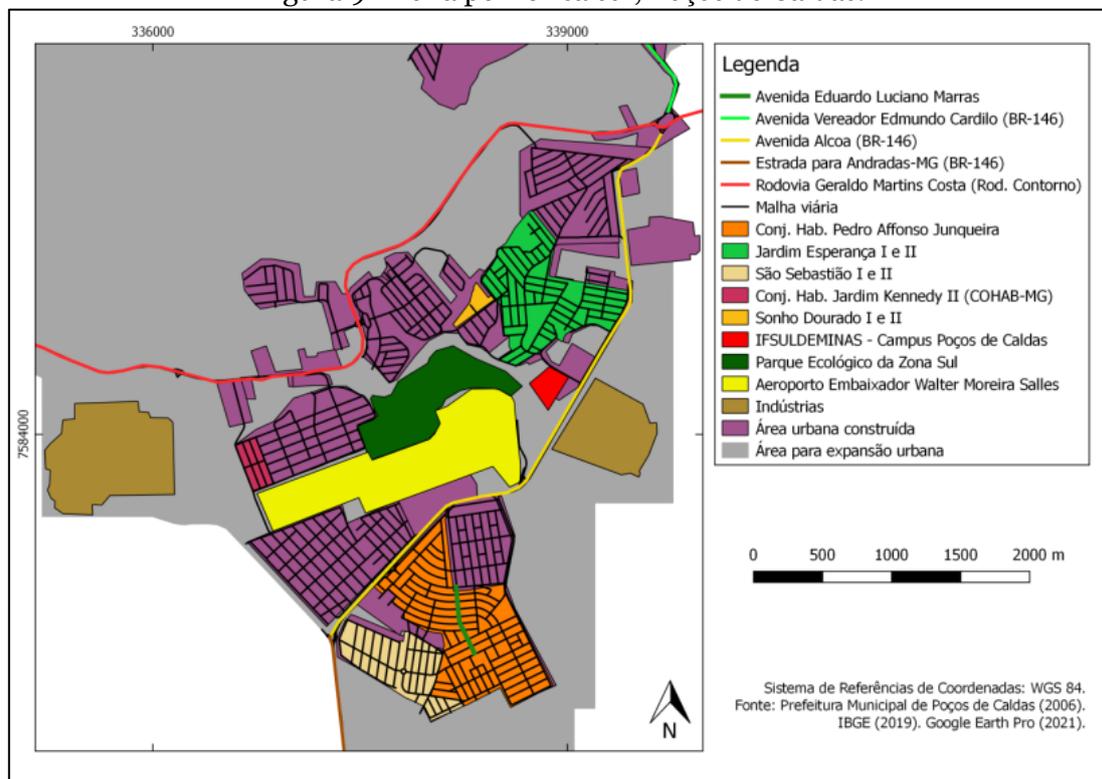
Figura 8 - Vista parcial: zona central, zona pericentral e zona periférica leste.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2020).

No que se refere à zona periférica sul (Zona Sul), esta é descontínua do restante do tecido urbano. A distância e a descontinuidade do setor com o restante da cidade, ao mesmo tempo, intensifica os efeitos do processo de segregação socioespacial e revela a condição segregada do mesmo (SILVA, 2021). A Zona Sul só pode ser acessada por dois eixos rodoviários, sendo a BR-146 e a rodovia Geraldo Martins Costa (Figura 9).

Figura 9 - Zona periférica sul, Poços de Caldas.



Fonte: Poços de Caldas (2006); IBGE (2019); Google Earth Pro (2021). Elaboração e organização: autor.

Em suma, observa-se que a estrutura espacial urbana de Poços de Caldas se apresenta diferenciada no que diz respeito aos conteúdos, processos, formas e funções. O centro principal ainda tem maior relevância na estrutura, situação que pode ser aferida na densidade de pessoas, construções e nas diversas funções ligadas ao setor terciário que nele se encontram. As áreas geograficamente mais periféricas têm o uso predominantemente residencial. Vale destacar que a densidade de construções e pessoas nas periferias varia, já que as áreas ocupadas pelas classes médias se apresentam menos densas do que as áreas ocupadas pelas classes populares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estudar a forma urbana torna-se necessário apreender uma série de elementos a ela imbricados, tais como suas funções, a(s) estrutura(s), os seus conteúdos e processos sócio-espaciais. Na Geografia, os estudos de morfologia urbana buscam a análise relacional destes elementos.

A partir da análise das propostas metodológicas da Geografia Urbana brasileira, o “zoneamento morfológico-funcional” de Amorim Filho (2005) e os “procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas” de Whitacker e Miyazaki (2012), evidenciou-se que ambas dialogam com as categorias do método geográfico de Santos (1988): estrutura, processo, forma e função. Isto porque elas permitem a investigação minuciosa da morfologia urbana pelas formas, relacionando-as diretamente às funções e estrutura urbana, aos conteúdos e processos.

Por meio do estudo da forma intraurbana de Poços de Caldas apreendeu-se a relação dialética entre espaço e sociedade. Evidencia-se que a forma do sítio urbano mostrou-se mais determinante na forma urbana durante as primeiras décadas de formação e consolidação da cidade, mas com o crescimento urbano e econômico, a topografia ficou em segundo plano, em detrimento dos interesses e ações dos agentes políticos e econômicos.

Observa-se a justaposição de diferentes planos urbanos, propostos períodos históricos distintos. Essa justaposição de formas urbanas se expressa na heterogeneidade das áreas ocupadas. Há uma multiplicidade de paisagens urbanas na estrutura espacial local, cada qual apresentando seus conteúdos, processos sócio-espaciais e funções.

AGRADECIMENTOS

À CAPES. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código do Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. S.; DINIZ, A. M. A. O zoneamento morfológico funcional das cidades médias mineiras: o exemplo de Barão de Cocais. **Sociedade & Natureza**, v. 20, p. 79-91, 2008.

AMORIM FILHO, O. B. **Contribution à l'étude des villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais**. 1973. 361 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Université de Bordeaux III, Bordeaux, 1973.

AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. 1. ed. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 21-35.

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. 1. ed. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. 200 p.

ANDRADE, Í. L. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias**: análise da cidade de Viçosa-MG. 2015. 75f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Viçosa, 2015.

ARAÚJO, A.; MESQUITA, P.; MORAIS, E. Análise espacial e identificação de alterações no zoneamento urbano da cidade de Altamira-PA. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, v. 11, n. 22, p. 139-160, 2015.

BARTOLI, E.; MARQUES, R. O. Morfologia e geomorfologia urbana: sistemas territoriais e as margens fluviais em Parintins (AM). **Geografia e Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 44-58, 2019.

BRANQUINHO, E. S.; SILVA, E. A. (Re) estruturação das cidades médias do Sul de Minas Gerais: uma análise morfofuncional comparativa de Alfenas e Poços de Caldas. **Caderno de Geografia**, v. 31, n. 2, p. 3-29, 2021.

CANETTIERI, T.; RIBEIRO, C.; VARELA, I. D.; QUEIROZ, T.; ALVIM, A. M. M.; DINIZ, A. M. A. O zoneamento morfológico funcional de Pará de Minas-MG, Brasil. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 45, p. 11-26, 2016.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades**. Tomo I: Sociedad, cultura y paisaje urbano. 1. ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, SA, 2002. 544 p.

CARVALHO, C. O. Zoneamento morfológico funcional da Cidade de Teófilo Otoni-Minas Gerais. In: CIMDEPE, 3., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015, p. 146-166.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de Cidade Média. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, p. 23-33, 2007.

CORTEZZI, F. M.; AMORIM FILHO, O. B. Oliveira-MG: uma “Cidade Média” na Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte?. **Caderno de Geografia**, v. 22, n. 38, p. 35-53, 2012.

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL - DNPM. **Projeto Sapucaí: Relatório final-geologia**. São Paulo, Vol. 1. 1977.

DOURADO, L. F. N.; FRANÇA, I. S. O zoneamento morfológico-funcional de Januária-Minas Gerais. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 12, p. e020004-e020004, 2020.

ELLERT, R. Contribuição à geologia do maciço alcalino de Poços de Caldas. **Boletim da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Geologia**, n. 18, p. 5-60, 1959.

FRAYHA, G. Z. **Poços de Caldas polo mesorregional: ambiente, planejamento e qualidade de vida na articulação dos municípios da média mogiana paulista e do sul de Minas Gerais**. 2010. 216 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, 2010.

GEIGER, P. P.; DAVIDOVICH, F. - Aspectos do fato urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXIII abr/jun, n. 2. p. 263-362, 1961.

GOOGLE EARTH PRO. Versão 7.3.3.7786 (32-bit). Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/versions/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

HERMANO, V. M. Morfologia urbana de Janaúba/MG. **Revista Cerrados (Unimontes)**, v. 15, n. 2, p. 317-346, 2017.

IBGE. **Séries Históricas e Estatísticas**. 2015. Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=7&op=0&vcodigo=PD292&t=grupos-idade>. Acesso em: 29 mai. 2020.

IBGE. **Divisão do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE. **Regiões de Influência de Cidades de 2018 (REGIC)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 6 jul. 2021.

IBGE. **Estimativas da População para 2021**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e>, Acesso em: 18 dez. 2021.

IEPHA-MG. **Parque Municipal Serra de São Domingos**. [2016]. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protegido/bens-tombados/details/1/94/bens-tombados-serra-de-s%C3%A3o-domingos>. Acesso em: 1 nov. 2019.

LELOUP, Y. **Les villes du Minas Gerais**. Université de Paris. 1. ed. Paris: Travaux & Memoires de L'Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine. 301 p.

MARQUES, R. O.; SERRÃO, A. M.; BARTOLI, E. Ciclos econômicos, morfologia urbana e sistemas territoriais em Uruará (AM). **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 25, p. 1-31, 2021.

MARRAS, S. **A propósito de águas virtuosas. Formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MEGALE, N. B. **Memórias históricas de Poços de Caldas**. 1. ed. Sulminas, 1990. 235p.

MIYAZAKI, V. K. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio na rede urbana paulista**. 2013. 305 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Paulista, Presidente Prudente, 2013.

OLIVEIRA, E. M. **Dinâmica locacional das indústrias e a produção do espaço urbano em Poços de Caldas (MG)**. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

OTTONI, H. B. **Poços de Caldas**. São Paulo: Anhambi, 1960. 293 p.

POÇOS DE CALDAS, P. M. **Plano de Desenvolvimento Integrado de Poços de Caldas (1970/1971)**. Cole, H.J. + Associados e CONSULTEC Sociedade Civil de Planejamento e Consultas Técnicas Ltda.: Rio de Janeiro, Vol. 2. 1971. Financiado por FINEP.

POÇOS DE CALDAS, P. M. **Revisão do Plano Diretor do Município de Poços de Caldas: diagnóstico preliminar**. Poços de Caldas: Exatus, 2006.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, 1977.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. *In*: SANTOS, M. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, p.36-43. 1988.

SENA FILHO, N. A rede urbana e o zoneamento morfológico-funcional de Caratinga, Manhuaçu e Viçosa. *In*: AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. 1. ed. Goiânia: Ed. Vieira, p. 81-200, 2005.

SILVA, E. A. **(Re)produção do espaço urbano e segregação socioespacial em Poços de Caldas, Minas Gerais**. 2021. 211 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2021.

SOARES, B. R. Pequenas e Médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. *In*: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, v. 1, p. 461-494, 2007.

SOARES, T. L.; PEREIRA, R. B.; FERREIRA, G. L. L.; OLIVEIRA, K. C.; CARVALHO, P. F. B. Zoneamento morfológico-funcional da Região Metropolitana de Belo Horizonte. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANPUR, p. 1-19, 2011.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SPOSITO, M. E. B. Cidade média. *In*: SPOSITO, M. E. S. **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, p. 39-47, 2017.

TROMBETA, L. R.; SOARES, F. B. Aspectos da morfologia urbana e as diferenças socioespaciais no espaço urbano do município de Alvares Machado, São Paulo, Brasil. **Entorno Geográfico**, n. 11, p. 154-176, 2015.

VARAJÃO, G. F. D. C.; SATHLER, D.; LIMA, M. C. O.; VALADÃO, R. C. Estrutura Urbana e Mapeamento Morfológico Funcional de Diamantina. *In*: SATHLER, D.; AMORIM FILHO, O.

B.; VARAJÃO, G. F. D. C. (Orgs.). **Cidades Médias**: bases teóricas e estudos aplicados à Diamantina. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, p. 155-178, 2015.

WHITACKER, A. M.; MIYAZAKI, V. K. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, p. 307-327, 2012.

Recebido em: 04/10/2021.

Aprovado para publicação em: 28/12/2021.